

3 - Análise Multivariada da Percepção de Violência entre Adolescentes de Escolas Públicas

Multivariate Analysis of the Perception of Violence among Adolescents in Public Schools

Dinar Duarte Vasconcelos¹

Hermes Fonseca de Medeiros²

Alana de Cássia Costa dos Santos³

Elaine Cristina da Luz Castro⁴

Assis da Costa Oliveira⁵

RESUMO

A violência é um fenômeno multideterminado e complexo que exige investigação interdisciplinar para compreensão de sua magnitude. É um problema social com reflexos na saúde pública e coletiva. Ambientes propícios ao seu aparecimento criam um ciclo contínuo que se estende a todos os espaços sociais. O objetivo é avaliar a percepção de violência em adolescentes de escolas públicas em um município paraense. Os dados foram coletados em escolas do centro e periferia da cidade de Altamira,

¹ Doutora em Biologia Parasitária na Amazônia (IEC/UEPA), Mestra em Ensino e Saúde na Amazônia (PPGESA), Especialista em Saúde Pública (UEPA), Informática em Saúde (UNIFESP), em andamento Informação Científica e Tecnológica em Saúde (FIOCRUZ). Professora Adjunta II da Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculada ao Departamento de Saúde Comunitária (DSCM). Professora convidada do Departamento de Educação Escolar Indígena (DEEI/UEPA). Desenvolve estudos em Saúde Pública e Coletiva, Vigilância de Doenças Infecciosas e Agravos em saúde na Amazônia, Educação e Saúde na Escola. Endereço profissional: UEPA Campus IX-Altamira, PA. divasconcelos@uepa.br

² Docente da Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Doutor e Mestre em Ecologia (UNICAMP). Endereço profissional: UFPA- campus universitário de Altamira, PA. hermesfm@ufpa.br

³ Acadêmica da Universidade do Estado do Pará. Endereço profissional: Campus IX, Altamira/PA. alanasantos620@gmail.com

⁴ Acadêmica da Universidade do Estado do Pará. Endereço profissional: Campus IX, Altamira/PA. castroelaine984@gmail.com

⁵ Docente do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (UnB). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD/UnB). Mestre pelo PPGD/UFPA. Coordenador do Núcleo de Estudos da Infância e da Juventude da UnB. Endereço profissional: Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF. assisdco@gmail.com

Pará. 309 adolescentes com idade média de 15,3 anos participaram do estudo. Aplicou-se um questionário com questões classificadas em percepção (ocorrência de violência) ou sensibilidade (importância dada às formas de violência). Realizaram-se análises de componentes principais (PCA) para cada classe de perguntas. Os dois primeiros eixos obtidos foram usados como variáveis que resumem parte da variação nas respostas. Testes de padrões relacionados ao sexo, idade, raça, escola ou local de moradia foram feitos por ANOVAs e ANCOVAs permutacionais. Nas análises sobre percepção, o primeiro eixo da PCA atribuiu maior valor para o sexo masculino e para idades mais elevadas, enquanto o segundo eixo obteve maior valor no sexo feminino. Na análise de sensibilidade, o sexo feminino apresentou maior valor nos dois eixos. Isso pode estar relacionado à maior importância dada a ações violentas. A maior percepção do sexo masculino pode resultar do fato de eles sofrerem e presenciarem mais violência. A separação das perguntas e sua classificação em “percepção” e “sensibilidade” neste estudo permitiu a identificação de padrões distintos entre os componentes da relação entre os gêneros com o tema da violência.

Palavras-chave: Violência; Adolescente; Análise multivariada; Amazônia.

ABSTRACT

Violence is a multidetermined and complex phenomenon that requires interdisciplinary investigation to understand its magnitude. It is a social problem with repercussions for public and collective health. Environments conducive to its emergence create a continuous cycle that extends across all social spaces. The objective of this study was to assess the perception of violence among adolescents in public schools in a municipality in Pará. Data were collected at schools in the center and outskirts of Altamira, Pará. A total of 309 adolescents, with a mean age of 15.3 years, participated in the study. A questionnaire was administered with questions classified as perception (occurrence of violence) or sensitivity (importance assigned to forms of violence). Principal component analyses (PCA) were performed for each class of questions. The first two axes obtained were used as variables summarizing part of the variation in responses. Tests of patterns related to sex, age, race, school, or place of residence were conducted using permutational ANOVAs and ANCOVAs. In the perception analyses, the first PCA axis assigned higher values to males and older participants, whereas the second axis yielded higher values for females. In the sensitivity analysis, females had higher values on both axes. This may be related to the greater importance assigned to violent actions. The higher perception among males may result from their

experiencing and witnessing more violence. Separating the questions and classifying them as “perception” and “sensitivity” made it possible to identify distinct patterns in the relationship between gender and violence.

Keywords: violence; adolescent; multivariate analysis; Amazon.

1 INTRODUÇÃO

A escalada da violência no Brasil vem se tornando um grande gargalo na gestão pública, provocando um efeito em cadeia que reflete nas políticas de saúde pública, econômicas e sociais. A violência pode ser considerada o uso intencional de força física contra si ou a outra pessoa que produz sérias implicações a curto e longo prazo para a saúde e o desenvolvimento psicológico e social de indivíduos, famílias e comunidade (Krug *et al.*, 2002; Barbieri; Santos; Avelino, 2021).

Casos de violência ocorrem com pessoas vulnerabilizadas social, emocional ou fisicamente, e as agressões podem se agravar quando a vítima revida, tornando-se agente da violência, ou quando o agressor se torna mais violento, provocando a lesão ou até à morte (Nunes; Sales, 2016).

A dificuldade para conceituar a violência ocorre por ela ser um fenômeno da ordem do vivido, possuindo diversas camadas cujas manifestações provocam ou são provocadas por uma forte carga emocional de quem a comete, de quem a sofre e de quem a presencia. Para entender sua dinâmica na realidade brasileira é necessário compreender a visão que a sociedade projeta sobre o tema, pois, os eventos violentos passam pelo julgamento moral coletivo (Minayo, 2006).

As violências fazem parte do dia a dia e são percebidas como um fenômeno corriqueiro no cotidiano daqueles que já vivenciaram situações ligadas a roubos, ameaças, assaltos, discriminação, vandalismo, brigas etc. No Brasil, estas violências são comuns e assustam a população, que se sente vulnerável diante delas (Nunes; Sales, 2016).

O cotidiano de violência traz consigo a adoção de um novo padrão de comportamento social, tornando natural haver uma retração do indivíduo, no sentido de tentar evitar sua exposição aos riscos de eventos violentos, com mudanças na sua rotina diária e comportamento relacional.

A violência entre jovens nas escolas públicas é crescente devido à desigualdade social existente, pouco acompanhamento familiar, reprodução de experiências de agressões presenciadas ou vividas, necessidade precoce de inserção no mercado de trabalho para prover a subsistência familiar, privando-os do acesso a direitos básicos garantidos às crianças e adolescentes, como a educação, a saúde, o lazer e o esporte. Muitos precisam trabalhar desde cedo para ajudar no sustento da família, o que pode causar a desistência dos estudos ou dificultar a conclusão do ensino médio, o posterior ingresso no ensino superior e a inserção no mercado de trabalho (Tavares; Pietrobom, 2016).

A escola é o lugar onde o adolescente tem um contato maior com pessoas fora do seu convívio familiar. Ela contribui para o desenvolvimento social de cada indivíduo, na maneira de se portar com os outros, como também pode fortalecer sentimentos de inclusão, cooperação, participação e pertencimento social, sentimentos fundamentais para a formação cidadã.

Ao analisar as respostas de pessoas sobre um dado tema, como a violência, não se está tratando de apenas uma variável de interesse. O conceito de violência pode incluir uma grande variedade de fenômenos da sociedade humana, como também estes fenômenos são percebidos de formas diferentes por cada pessoa.

A essa complexidade soma-se a necessidade do emprego de questionário para que, através das respostas às várias perguntas, seja possível obter uma caracterização abrangente da visão de cada sujeito sobre o tema violência ainda na adolescência, fase de transição entre a infância e a idade adulta. Embora cada questão possa ser analisada independentemente, trazendo informações relevantes, não são variáveis independentes e, geralmente, não correspondem diretamente às características dos indivíduos que se pretende estudar.

Variáveis de interesse em estudo sobre percepção de violência podem ser, por exemplo, “a sensação de insegurança em diferentes ambientes, a propensão a vir realizar atos violentos, a empatia por vítimas, ou mudanças morais, com aceitação do que antes não era aceitável”. Tais variáveis interagem na determinação das respostas às questões apresentadas. Identificar padrões nestas variáveis subjacentes, assim como suas associações com características dos indivíduos e do meio onde vivem, permite compreender melhor

os processos envolvidos. Neste sentido, os métodos de análises multivariadas fornecem uma série de ferramentas úteis, que têm sido aplicadas à análise de fenômenos sociais, como a violência.

Este estudo avaliou a percepção de violência de adolescentes de escolas públicas em um município da Amazônia Paraense. Investigou a dinâmica da percepção de adolescentes com relação à violência na escola, entre seus pares e docentes, indicando sua compreensão e o valor dado a ela no convívio escolar. A análise dos dados coletados foi realizada através da análise multivariada de componentes principais (PCA). Os resultados encontrados demonstram haver diferença entre percepção e sensibilidade nos padrões observados.

Os resultados deste estudo contribuem para o planejamento de estratégias educacionais de prevenção e combate à violência dentro da escola, uma vez que ela gera aumento da evasão escolar, afastamento e adoecimento docente (Estumano; Ramos; Silva, 2024). A escola não pode ser palco de reprodução ou normalização da violência, seja ela simbólica ou física; deve oferecer proteção às crianças e adolescentes em um espaço educativo de desenvolvimento intelectual, social, inclusivo e seguro.

2 CONJUNTURA DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A violência na escola é objeto de preocupação social por ser uma realidade cada vez mais preocupante no Brasil, cujas medidas de combate são debatidas pelo governo federal, que, para atender tal demanda prioritária da agenda nacional de educação e segurança pública, criou, em 2023, o Sistema Nacional de Acompanhamento e Combate à Violência nas Escolas (Snave).

O Snave é uma política pública intersetorial do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) que possui três eixos principais de atuação: 1) Mapeamento e padronização dos dados de violência na escola; 2) Apoio Psicossocial direto às escolas vulneráveis e vítimas de violência; 3) Promoção de programas educacionais e sociais para promover uma cultura de paz, instituída pela Lei 14.646/2023, que opera em conjunto com o Programa Escola que Protege (ProEP), para prevenir e combater a violência escolar (Brasil, 2024).

O 20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública apresenta um quadro de agravamento em quase todas as formas de violência analisadas contra crianças e adolescentes. Os dados mostram que os crimes relacionados às relações de cuidado e parentalidade como maus-tratos, abandono de incapaz e abandono material dobraram desde 2021. As práticas violentas continuam naturalizadas no exercício das responsabilidades familiares, espaço em que ocorre a maior parte dos abusos contra crianças e adolescentes e que possivelmente se refletem nos espaços de convivência e nas suas relações sociais (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026).

A violência no ambiente escolar pode começar com comportamentos que parecem brincadeiras inofensivas, podendo evoluir para agressões verbais, ofensas, xingamentos e culminar em vias de fato, com agressão física e sentimento de superioridade do agressor em relação à vítima. A violência sofrida pelo adolescente, seja na escola ou no seio familiar, pode provocar retração e isolamento social, dificuldade de diálogo com outras pessoas e transtornos psicológicos.

Agressões verbais ou não verbais prejudicam o desempenho escolar e a socialização, assim como a exposição frequente a situações de violência gera uma vítima agressora que revida ao agressor e em alguns casos o desfecho é fatal (Pingoello; Horiguela, 2012).

Comportamentos antissociais e agressivos podem expressar violência; são ações que promovem a exclusão do indivíduo na sociedade, e sua manifestação é influenciada pelo ambiente em que ele está inserido. Por isso, a escola deve fortalecer o sentimento de pertencimento e de coletividade; mesmo a competição, intrínseca ao ser humano, deve possuir caráter saudável, com a imposição de limites claros e objetivos (Costa *et al.*, 2013).

A violência possui fatores endógenos e exógenos que contribuem para sua ocorrência. O primeiro tem origem interna no ser humano, estando relacionado aos valores familiares, às regras de convivência e à forma de tratamento das relações em casa que influencia de forma positiva ou negativa o seu padrão de comportamento. O segundo se associa às condutas e valores adquiridos na escola, na comunidade e com a convivência coletiva (Ruduit, 2005; Silva, 2015).

A violência também é um problema social moldado pela visão da sociedade daquele que é visto e “tolerado”. Becker (2008) defende que todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e

em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”.

O comportamento social do indivíduo em formação é construído pelas suas relações nos espaços de convivência (Lima; Campos, 2015). Na escola, os adolescentes estão mais sujeitos a sofrer e praticar violência, incitados pela discriminação, exclusão, desvalorização social, humilhações, disputas pelo desejo de se sobressair, situações que se refletem no progresso escolar, na perda de interesse em frequentar a escola, realizar atividades curriculares, circunstâncias que podem acarretar desordens psicológicas ou abandono escolar.

A intervenção da família junto à escola pode contribuir para amenizar essas violências e alertar os professores para que identifiquem atos de violência entre alunos, além de se sentirem mais seguros para realizar intervenções pedagógicas com promoção de aulas mais inclusivas. A escola deveria ser um lugar seguro, especialmente se localizada em áreas mais vulneráveis, dominadas por grupos criminosos, que recrutam adolescentes dentro e fora da escola para integrar o crime, nas quais têm acesso facilmente armas de fogo, que são atrativas aos adolescentes sob a alegação de se sentirem mais seguros e respeitados na comunidade (Pereira, 2014).

A posse de arma, na visão do adolescente, significa um elemento de defesa na escola, alunos utilizam as chamadas “armas brancas” (faca, canivetes, cacetes e porretes). Isso colabora para mais violência no âmbito escolar, como intrigas, brigas, agressões, e até homicídios entre escolares. (Lima, 2010).

A violência como um fenômeno social possui dimensões e atravessamentos subjetivos, que ficam frequentemente ocultos nas estatísticas oficiais. Grupos vulnerabilizados tendem a ser invisibilizados e negligenciados, seja pela cor da pele, local de moradia ou identidade de gênero.

Adolescentes que vivem em bairros periféricos podem ser os mais afetados pela violência, as políticas públicas sociais precisam garantir trabalho, acesso à renda, lazer, cultura e esporte. Sem elas, criam-se condições propícias a situações de violência. O desemprego gera a falta de perspectiva, escassez de recursos materiais e o aumento da marginalidade. Essa falta de oportunidades contribui para que jovens se envolvam em ações violentas, por não conseguirem atender suas expectativas profissionais ou econômicas (Sudbrack, 2010).

Dados do Atlas de Violência destacam a desproporcionalidade da exposição à violência letal e não letal entre jovens. Aproximadamente 193 mil jovens morrem violentamente no mundo, e a taxa de homicídio entre jovens de 15 e 29 anos pode chegar a 40% das mortes violentas globais. A Organização Mundial da Saúde (OMS), estima que para cada jovem morto, muitos sobrevivem com ferimentos graves que geram sequelas permanentes, afetando seu desenvolvimento psicológico, educacional e social (Cerqueira; Bueno, 2026).

A relação entre a exposição à violência e comportamento problemático em jovens foi investigada em Virginia, EUA. Os resultados das análises multivariadas do estudo constataram que a vitimização direta, como medida de exposição à violência, foi o maior preditor de comportamento problemático entre as condutas delinquentes relacionadas a armas de fogo, indicando ligação entre vitimização e exposição ao perigo. Recomenda-se que as medidas de prevenção comunitárias e escolares tenham foco nas necessidades específicas dos expostos ao perigo (McGee *et al.*, 2017).

A partir de 2019 foi observado um aumento significativo de episódios de violência extrema contra escolas brasileiras, cuja exceção ocorreu no ano de 2020 com o fechamento das escolas em razão da pandemia de covid-19. Ao menos dois ataques ocorreram posteriormente e, nos anos de 2022 e 2023, o quadro se agravou, com a ocorrência de 10 e 15 ataques, respectivamente. São episódios caracterizados como intencionais e premeditados direcionados à comunidade escolar que atentam contra a vida e a integridade física (Cerqueira; Bueno, 2026).

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Foi realizado um estudo ecológico, observacional, transversal, com abordagem quantitativa em escolas públicas de um município paraense.

3.1.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram do estudo adolescentes do ensino médio, de duas escolas públicas do município de Altamira, Estado do Pará. A população do estudo correspondeu a N = 715 adolescentes regularmente matriculados, considerados conforme a série, o turno e a localização

geográfica das escolas. Uma encontrava-se no centro da cidade (C) e a outra na periferia (P), denominadas, respectivamente, escolas C e P. A amostra foi composta por $n = 309$ adolescentes.

3.1.3 COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário adequadamente preenchido por 309 adolescentes (43% do total); 209 respondentes eram da Escola C (centro) e 100 da Escola P (periferia). A idade média dos adolescentes da amostragem foi de 15,3 anos, variando entre 13 e 18 anos.

3.1.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O questionário utilizado neste estudo continha vinte e três perguntas objetivas e subjetivas abrangendo experiências de violência, assim como as opiniões dos entrevistados quanto ao tema (Cabral, 2016). O questionário foi distribuído aos adolescentes durante as aulas de educação física, das turmas de 1ª e 2ª séries do ensino médio, do turno matutino das duas escolas.

A partir dos padrões observados nas análises das variáveis independentes, foram tomadas decisões quanto à inclusão destas variáveis nas análises. As perguntas do questionário foram separadas em duas categorias, definidas quanto à relação dos adolescentes com a resposta: 1) Percepção: foram consideradas nesta categoria perguntas nas quais os adolescentes informam sobre a frequência de ocorrência de violência; 2) Sensibilidade: nesta categoria, os adolescentes respondem quanto à “importância” que dão a diferentes formas de violência.

Nestas questões sobre sensibilidade são avaliadas quais condutas eles consideram aceitáveis ou não no ambiente escolar. Quando a violência diz respeito ao outro, é avaliada também sua empatia diante de situações ou condutas violentas presenciadas.

As respostas referentes à percepção ou à sensibilidade à violência foram convertidas em números, de forma que maiores valores representassem maior percepção ou maior sensibilidade. Entre as 23 perguntas do questionário, 7 questões são fechadas, referentes à percepção de violência, com respostas de sim ou não. Para estas perguntas, os dados foram convertidos em números (1) para sim e (0) para não.

Cinco perguntas são referentes à sensibilidade dos adolescentes à violência. Dentre estas, duas são de respostas sim ou não, tendo sido tratadas da mesma forma que as questões de percepção. Uma questão é de múltipla escolha, com 4 alternativas, com a possibilidade de marcação de apenas uma delas. A alternativa considerada como referente à menor sensibilidade foi codificada como (0), enquanto as demais receberam valores de (1) a (3), de acordo com uma ordem crescente de sensibilidade. Em seguida, os valores obtidos foram divididos pelo maior valor, de forma a obter valores entre (0) e (1). Isso garante que esta variável não receba maior peso nas análises multivariadas.

As outras 3 perguntas sobre sensibilidade, têm várias alternativas a serem marcadas, e o adolescente poderia marcar mais de uma opção. Cada uma das perguntas deste tipo foi convertida em um conjunto de perguntas, com as alternativas sim (1) ou não (0), referentes à marcação de cada alternativa. Após esta conversão, o número de questões referentes à sensibilidade passou a ser 25.

3.1.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram coletados e organizados em planilhas do Excel e categorizados para análise estatística. Foram utilizadas como variáveis independentes, a escola (C e P), sexo, idade e raça, e as características do local de moradia (bairro, moradia perto ou longe da escola).

O Gráfico 1 mostra a distribuição dos adolescentes entre as categorias das variáveis independentes. Para avaliar a associação entre as 5 variáveis independentes categóricas, aplicou-se o teste de Qui-quadrado (X^2) com correção do método de *Holm-Bonferroni* sequencial para o efeito de múltiplos testes conforme Abdi (2010).

Os resultados da percepção e sensibilidade, foram analisados separadamente. Cada um destes conjuntos de dados foi submetido a uma análise multivariada de ordenação, pelo método de Análise de Componentes Principais (PCA "*Principal Component Analysis*"), com uso de uma matriz de variâncias e covariâncias. Com esta análise, a variância total dos dados é convertida em eixos ortogonais (independentes), de forma a resumir o máximo possível da variação total das respostas nos primeiros eixos. Estes, por sua vez, podem ser analisados como novas variáveis descritoras das respostas de cada adolescente (Gotelli; Ellison, 2006). Estas análises foram realizadas

utilizando o programa *Past* 2.17 (Hammer; Harper; Ryan, 2001).

Tanto para a percepção, quanto para a sensibilidade, foram analisados os padrões nos dois primeiros eixos de variação obtidos a partir das análises de PCA. As associações entre estes eixos e as variáveis independentes, foram testadas por análises de variância, ANOVAs, ou análises de covariância, ANCOVAs (incluindo a variável quantitativa, idade). Considerando que os eixos analisados não têm distribuição normal, os testes de significância destas análises, foram realizados pelo método de permutações restritas (Manly, 2007). Para as análises foi utilizada a função “lm” do programa R 3.3.0 (R *development Core Team* 2016).

3.2 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa que subsidia a elaboração deste artigo encontra-se vinculada ao projeto “A saúde nos municípios impactados com a implantação da hidrelétrica de Belo Monte”, aprovado pelo Comitê de Ética sob o Parecer nº 3.646.948. O estudo atendeu a todos os critérios éticos recomendados. Os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.3 LIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo apresenta limitações relacionadas ao tamanho da amostra, que demanda cautela nas generalizações dos resultados. Adicionalmente, traz um diagnóstico inédito da percepção de violência de adolescentes de um município amazônico marcado por intensas transformações socioespaciais, refletindo o cenário pré-pandêmico.

Embora a análise multivariada identifique com eficácia a variabilidade das respostas e o padrão na amostragem, o uso de escala numérica para mensurar aspectos subjetivos da percepção individual dos sujeitos, possui restrições inerentes, ainda que admita interpretações fundamentadas na estatística. Diante da complexidade e do dinamismo da violência escolar, sua compreensão abrangente torna-se indispensável sob o olhar de um coletivo multidisciplinar, com a participação ativa de profissionais e disciplinas de diferentes áreas de conhecimento.

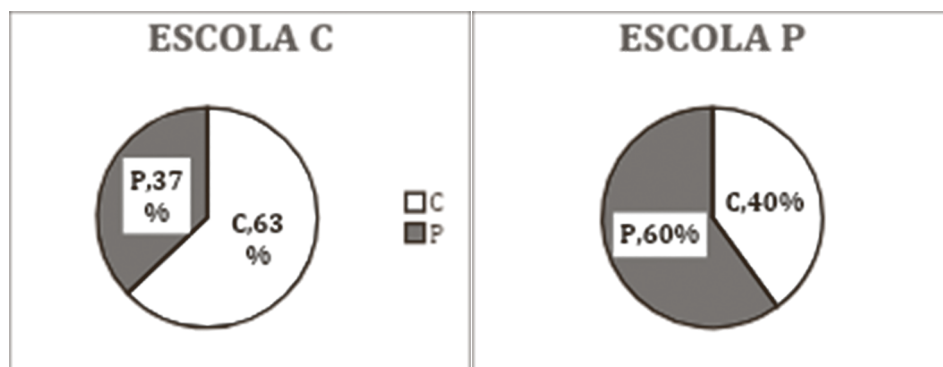
4 RESULTADOS

A inspeção dos dados revelou que o local de moradia seria mais bem tratado, convertendo as respostas entre três categorias (centro, periferia e rural) por resultar em maior variação e uma classificação mais objetiva. Apenas 4 adolescentes declararam residir na zona rural, justificando a exclusão desta categoria nas análises que tratam o local de moradia.

Dentre os 10 testes de associação realizados entre as variáveis categóricas independentes escola, características dos adolescentes (sexo, idade e raça) e local de moradia, detectou-se o efeito significativo apenas para a associação entre escola e local de moradia ($p=0,0001$; α (Bonferroni sequencial) $=0,005$). Considerando que cada escola atende os bairros adjacentes, é natural que haja associação entre escolas e locais de moradia.

A informação mais relevante obtida nestes termos para análise é que esta associação não é absoluta. Considerando a divisão da cidade entre bairros do centro e da periferia, tanto para a escola tomada como representante da periferia quanto para a escola do centro, cerca de 40% dos adolescentes são residentes de bairros classificados na categoria de área diferente daquela onde se encontra a escola. Este padrão reflete uma baixa segregação espacial da população estudada e deve ser considerado na interpretação dos padrões de percepção e sensibilidade quanto à violência.

Gráfico 1 – Proporção de adolescentes moradores do centro (C) e periferia (P) em cada escola

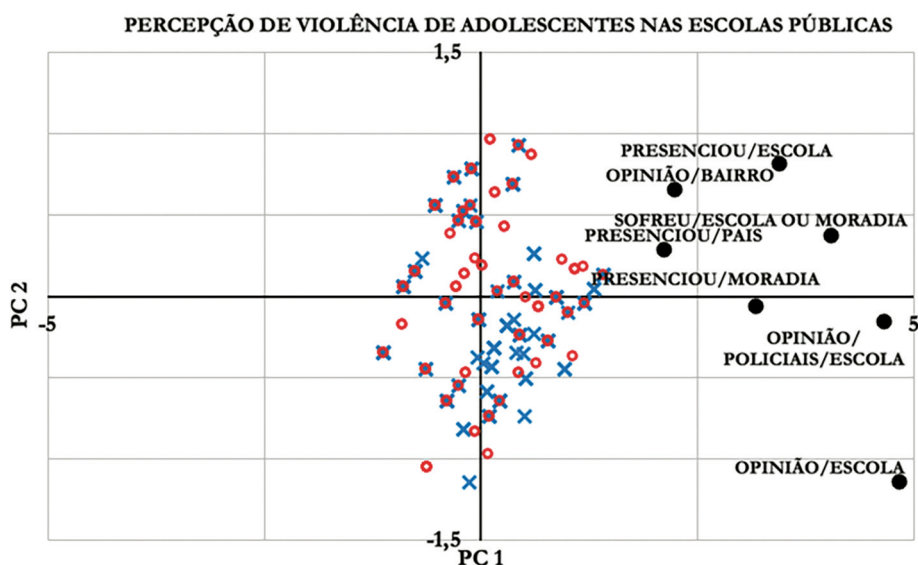


Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Por outro lado, a ausência de efeitos significativos para os outros 9 testes de associação indica que não foram obtidas diferenças relevantes quanto ao sexo, à raça e à idade dos indivíduos que frequentavam o ensino médio em escolas públicas, nem quanto à escola ou à área da cidade em que residiam.

Os dois primeiros eixos do PCA realizado com os dados de percepção, incluíram 43,2% da variância das respostas, com 26,9% no primeiro eixo (PC1) e 16,3% no segundo eixo (PC2). O gráfico 2 apresenta a distribuição das perguntas quanto aos seus pesos (*loadings*) na determinação dos dois primeiros eixos, assim como as posições dos adolescentes, de acordo com os valores (*scores*) que receberam. As variáveis que tiveram maior influência na determinação do primeiro eixo, em ordem decrescente, foram: “opinião sobre violência na escola (4,83)”, opinião sobre presença de policiais na escola (4,65), sofreu violência na escola (4,04), presenciou violência na escola (3,45), presenciou violência na moradia (-3,17).

Gráfico 2 – Resultados dos dois primeiros eixos do PCA, com os dados de percepção de violência dos adolescentes das escolas públicas da cidade de Altamira, Pará, 2019



*●= Peso das questões para cada eixo; x= sexo masculino; o=sexo feminino.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

Todas as sete variáveis, estão associadas positivamente com o primeiro eixo, ou seja, os adolescentes que responderam com um valor maior a uma delas, também tenderam a responder com maior valor às demais. As variáveis que tiveram maior influência na determinação deste eixo, em ordem decrescente, foram: “opinião sobre violência na escola (4,83)”, “considera necessária a presença de policiais na escola” (4,65), “sofreu violência” (4,04), “presenciou violência na escola” (3,45), “presenciou violência na moradia” (3,17).

No segundo eixo da PCA, observam-se respostas próximas à origem, ou seja, que pouco contribuem para esse eixo. As variáveis com contribuições relevantes positivas foram: “presenciou violência na escola” (0,81) e “opinião sobre violência no bairro” (0,65) e “opinião sobre violência na escola” (-1,14) com o maior valor absoluto de correlação com este eixo, porém apresenta peso negativo.

As duas ANOVAs (Tabela 1) testando a significância dos efeitos “Escola”, “Sexo” e “Bairro”, assim como as interações sobre as pontuações (escores) atribuídos a cada adolescente, para cada um dos dois primeiros eixos do PCA, resultaram na detecção de efeito significativo para o sexo como efeito isolado.

Tabela 1 – Resultados das ANOVAs, testando os efeitos de escolas, sexo e bairro, e suas interações sobre as pontuações obtidas pelos adolescentes nos dois primeiros eixos das análises de PCA

Eixos	Efeitos	Percepção		
		Gl	F	p
PC1	Escola	1	1,5	0,218
	Sexo	1	11,0	0,002*
	bairro	1	0,7	0,384
	Escola:Sexo	1	2,9	0,384
	Escola:Bairro	1	0,0	0,999
	Sexo:Bairro	1	0,7	0,999
	Escola:Sexo:Bairro	1	1,3	0,999
	Resíduos	295		
PC2	Escola	1	0,5	0,49
	Sexo	1	4,1	0,041*
	Bairro	1	0,7	0,411
	Escola:Sexo	1	2,3	0,411
	Escola:Bairro	1	0,4	0,999
	Sexo:Bairro	1	0,3	0,999
	Escola:Sexo:Bairro	1	0,3	0,999
	Resíduos	295		

Fonte: Autores, 2019.

A diferença entre os sexos quanto aos dois primeiros eixos da análise de PCA é apresentada no Gráfico 2, com maior proporção de adolescentes do sexo masculino à direita e abaixo do ponto de cruzamento dos eixos.

O maior valor médio para o sexo masculino no eixo PC1 significa que “este sexo tem maior percepção de violência, ou seja, presença, sofre e tem mais conhecimento sobre atos de violência”. O eixo PC2 representa um eixo de variação na percepção que é independente do PC1. Neste eixo, a pergunta que recebe maior valor (peso) é a “opinião

sobre a violência na escola”, com sentido negativo. Esta associação indica que maior valor neste eixo é atribuído a adolescentes que percebem menos violência dentro da escola, em relação à violência que percebem ou sofrem fora da escola. O menor valor apresentado por adolescentes do sexo masculino indica que eles dão maior importância (peso) à violência dentro da escola.

Na sequência, por meio de ANCOVAS permutacionais (Tabela 2), foi analisada a associação entre a pontuação dos adolescentes nestes dois eixos e sua idade, juntamente com a variável categórica detectada como significativa na análise anterior, o sexo.

Tabela 2 – Resultados das ANCOVAS, testando os efeitos do sexo e idade, e interações sobre as pontuações obtidas pelos adolescentes nos dois primeiros eixos de variação das análises de PCA

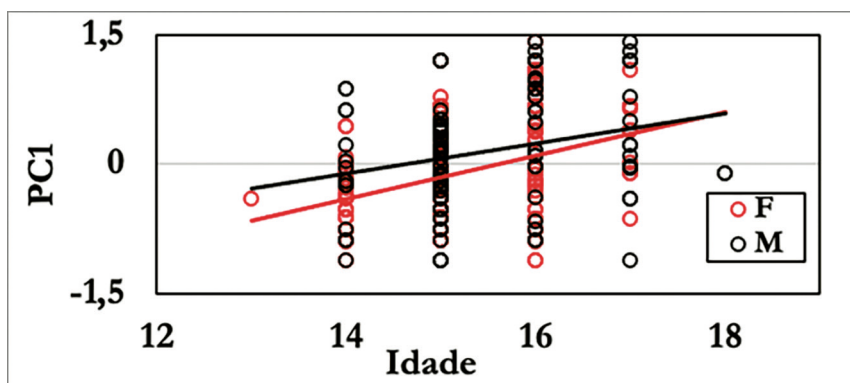
Eixos	Efeitos	Percepção		
		Gl	F	p
PC1	Idade	1	35,4	0,001*
	Sexo	1	8,8	0,002*
	Idade:Sexo	1	1,0	0,308
	Resíduos	299		
PC2	Idade	1	0,1	0,727
	Sexo	1	4,3	0,049*
	Idade:Sexo	1	0,1	0,718
	Resíduos	299		

Fonte: Autores, 2019.

A análise acima confirmou a significância do sexo na determinação da pontuação nos dois eixos (PC1: $F=8,8$, $p=0,002$; PC2: $F=4,3$, $p=0,049$). O efeito da idade foi significativo apenas para o eixo PC1 ($F=35,4$, $p=0,001$). Não foi detectada interação significativa entre os efeitos do sexo e idade em nenhum dos eixos, pois o efeito da idade sobre o PC1 é no mesmo sentido e intensidade semelhante nos dois sexos. Foi observado que adolescentes mais velhos apresentam maior percepção de violência no primeiro eixo do PCA (gráfico 4).

No gráfico 4, é apresentado o valor individual obtido pelos adolescentes, assim como a linha de tendência da análise de regressão linear entre a idade e a pontuação obtida por cada adolescente. As linhas de tendência ajustadas aos dados de cada sexo são muito semelhantes, e demonstram que o efeito da idade é de fato o mesmo para ambos os sexos.

Gráfico 4 – Percepção de Violência dos Adolescentes conforme Sexo e Idade



Fonte: Dados de Pesquisa, 2019.

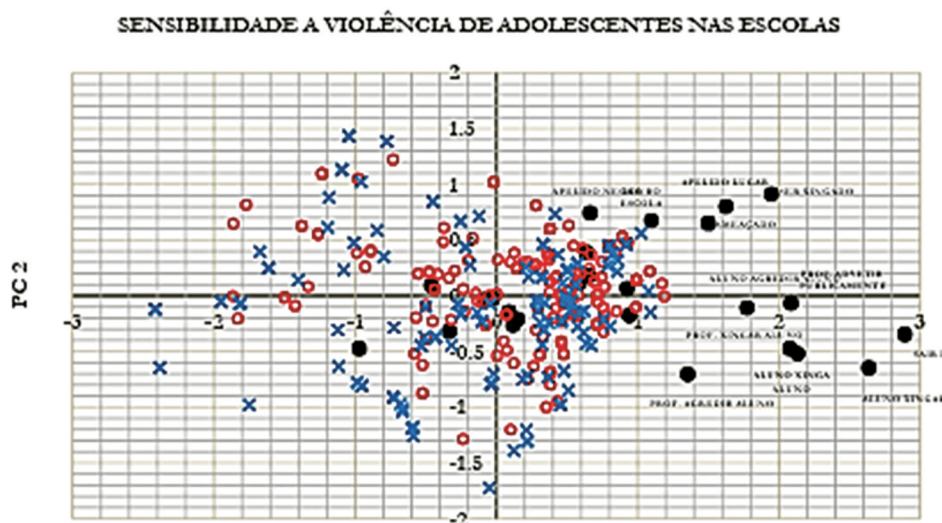
Os dois primeiros eixos do PCA realizado com os dados de sensibilidade incluíram 27,9% da variância das respostas, 17,2% no primeiro eixo (PC1) e 8,7% no segundo eixo (PC2).

No gráfico 5 é apresentada a distribuição das perguntas que apresentaram maior peso, assim como as posições dos adolescentes em relação aos dois primeiros eixos.

Diferentemente do observado na análise das questões sobre percepção, o primeiro eixo não demonstrou associação positiva entre as respostas dadas a todas as perguntas. Algumas das variáveis extraídas das perguntas apresentam peso muito baixo, enquanto uma delas “considerar ou não o *bullying* como uma forma de violência” teve peso relevante no sentido negativo desse eixo.

A seguir, são apresentados os nomes das variáveis que tiveram valor absoluto igual ou maior do que 1 para o eixo PC1 ou 0,5 para o PC2.

Gráfico 5 – Resultado do PCA, com dados de sensibilidade à violência dos adolescentes das escolas públicas da cidade de Altamira, Pará, 2019



*“●” = Peso das questões para cada eixo; “x” = sexo masculino; “o” sexo feminino.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2019.

As variáveis que tiveram maior influência na determinação do primeiro eixo (PC1), em ordem decrescente, foram: “sair da sala sem autorização do professor (2,89), aluno xingar um professor (2,63), aluno xingar aluno (2,13), advertir em público (2,09), ser xingado pelo professor (2,08)”. No segundo eixo (PC2), os maiores efeitos são: “ser xingado (0,91), apelido relacionado à origem (0,80), apelido a um negro (0,74), professor agredir aluno (-0,70), roubo na escola (0,67) e ser ameaçado (0,65)”.

Os resultados das ANOVAs (Tabela 3) testando os efeitos das variáveis categóricas sobre os dois primeiros eixos apresentam as respostas sobre sensibilidade. Eles revelaram efeitos significativos apenas para a distinção do sexo sobre os dois eixos de variação (PC1: $F=14,8$, $p=0,001$; PC2: $F=7,4$, $p=0,006$). Para ambos os eixos, indivíduos do sexo feminino apresentaram em média maior valor.

Tabela 3 – Resultados das ANOVAS, testando os efeitos das variáveis escolas, sexo e bairro, e interações sobre as pontuações obtidas pelos adolescentes nos dois primeiros eixos das análises de PCA

Eixos	Efeitos	Sensibilidade		
		Gl	F	p
PC1	Escola	1	0,9	0,311
	Sexo	1	14,8	0,001*
	Bairro	1	3,2	0,079
	Escola:Sexo	1	0,0	0,079
	Escola:Bairro	1	0,0	0,999
	Sexo:Bairro	1	0,2	0,999
	Escola:Sexo:Bairro	1	1,6	0,999
	resíduos	295		
PC2	Escola	1	0,7	0,385
	Sexo	1	7,4	0,006*
	Bairro	1	0,1	0,723
	Escola:Sexo	1	0,4	0,723
	Escola:Bairro	1	0,0	0,999
	Sexo:Bairro	1	1,7	0,999
	Escola:Sexo:Bairro	1	2,0	0,999
	resíduos	295		

Fonte: Autores, 2019.

As ANCOVAs (Tabela 4) testando o efeitos do sexo, da idade e da interação entre sexo e idade, sobre os resultados de sensibilidade, confirmaram a significância dos efeitos do sexo para os dois eixos (PC1:p=0,001; PC2: p=0,012), mas não resultaram na detecção de efeitos para a idade, ou para sua interação com a variável sexo.

Tabela 4 – Resultados das ANCOVAS, testando os efeitos do sexo e idade, e interações sobre as pontuações obtidas pelos adolescentes nos dois primeiros eixos de variação das análises de PCA

Eixos	Efeitos	Sensibilidade		
		G1	F	p
PC1	Idade	1	1,8	0,169
	Sexo	1	14,3	0,001*
	Idade:Sexo	1	3,8	0,057
	Resíduos	299		
PC2	Idade	1	0,1	0,717
	Sexo	1	7,4	0,012*
	Idade:Sexo	1	2,2	0,144
	Resíduos	299		

Fonte: Autores, 2019.

Neste estudo constatou-se que a principal fonte de variação, tanto na percepção quanto na sensibilidade à violência, decorre da diferença entre os gêneros masculino e feminino.

Para analisar essa diferença é necessário integrar diferentes áreas de conhecimento, considerando que a percepção de violência está associada a uma identificação do excesso da ação, ou seja, ela é sentida quando os limites estabelecidos pela sociedade, cultura, história e/ou subjetividade são ultrapassados, pois diferenças emocionais, culturais, ou de papéis sociais assumidos pelos sujeitos podem resultar em diferentes percepções, a partir de uma mesma experiência (Guimarães; Pedroza, 2015; Barus-Michel, 2011).

No estudo realizado com os dados do inquérito da Vigilância de Acidentes e Violências (VIVA), em que foram amostrados, em 2014, 86 serviços sentinelas de urgência e emergência, constantes do Cadastro Nacional de Estabelecimentos em Saúde (CNES) do Sistema Único de Saúde (SUS), localizados nas capitais brasileiras, à exceção de Florianópolis e Cuiabá que não realizaram o inquérito, 815 adolescentes com faixa etária de 10 a 19 anos foram analisados.

Os resultados obtidos foram que adolescentes do sexo masculino, entre 15 e 19 anos, são os que mais sofrem violência envolvendo objetos, como arma de fogo, material perfurante e cortante, ocorrências estas geralmente praticadas em vias públicas. Entre as vítimas do sexo masculino entre 10 e 14 anos, o local de ocorrência mais frequente foi a escola, sendo o agressor um amigo. Já com relação ao sexo feminino, as ocorrências foram mais frequentes nas residências. O autor concluiu que a violência envolvendo adolescentes perpassa as mais importantes instituições socializadoras, a família e a escola, apontando a necessidade de mobilizar toda a sociedade na perspectiva do seu enfrentamento (Malta *et al.*, 2017).

Na mesma perspectiva, outra pesquisa realizada com o objetivo de compreender como a violência afeta crianças e adolescentes no dia a dia, os autores concluíram que as crianças de 8 a 12 anos se sentem mais inseguras na escola do que adolescentes da faixa etária de 13 a 18 anos, e que o sexo feminino se sente mais inseguro em ambientes públicos e privados do que o sexo masculino, embora as ocorrências de violências, como agressões físicas e xingamentos, sejam mais frequentes entre os meninos (Giannini *et al.*, 2017).

Os resultados destes estudos estão em consonância com os apresentados acima, uma vez que o sexo masculino apresentou maior percepção de violência, enquanto o sexo feminino apresentou maior sensibilidade. Uma justificativa para a resposta do sexo masculino seria o fato de que eles presenciam ou sofrem algum tipo de violência com maior frequência, por estarem mais expostos à violência.

Por outro lado, também pode significar que situações de violência vividas por adolescentes do sexo feminino podem não estar sendo simbolizadas como violência, mas por outras “valorações” que retiram ou minimizam o aspecto violento de suas representações. Isto já foi apontado como algo que é recorrente nos casos de violência sexual, em que a vítima, em geral, de uma adolescente do sexo feminino, pode ter dificuldade de compreender a relação estabelecida com o agressor e o ato sexual em si, devido à forma como ocorre a violência (grau de parentesco, coerção e culpabilização etc.) e sobretudo, ante a falta de informações que a ajudem na compreensão da situação vivida e as formas de autoproteção (Santos; Ippolito, 2011).

O boletim do Ministério da Saúde apresenta a análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil de 2011 a 2017, a avaliação das características da violência

sexual contra adolescentes mostrou que 39,8% dos eventos tiveram caráter de repetição, 58,2% ocorreram na “residência” e 13,9% em via pública, e 70,4% foram notificados como estupro. Entre as adolescentes do sexo feminino, essa avaliação mostrou que há o caráter de repetição (39,7%) e os principais locais de ocorrência foram a residência (58,7%), via pública (14,1%) e 70,9% dos eventos foram notificados como estupro (Brasil, 2018).

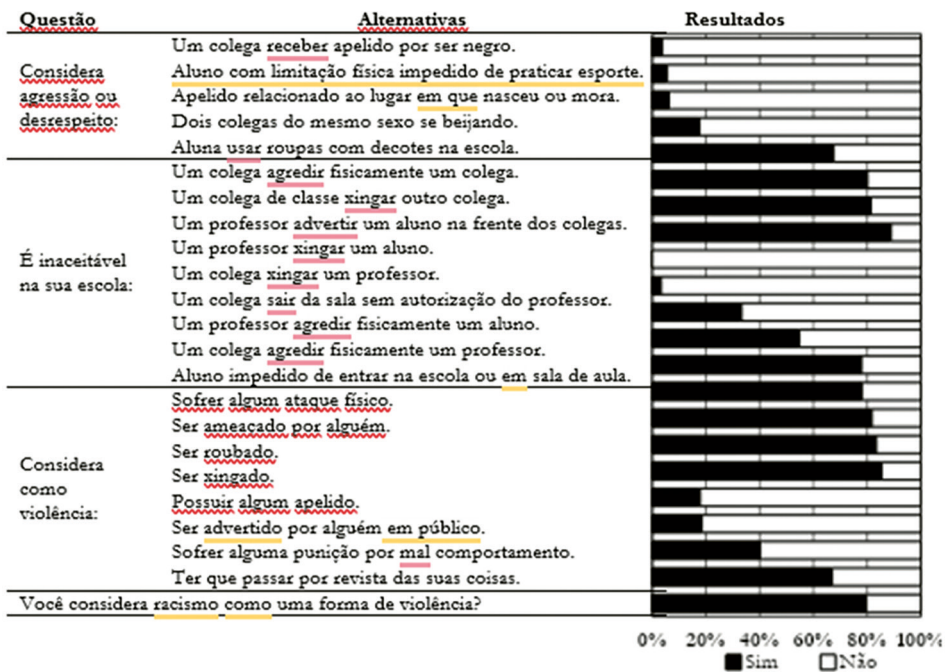
O estudo da violência entre jovens no ambiente escolar, ou fora dele, exige discussões que abordem as problemáticas sociais e ambientais que a envolvem, pois uma exposição constante a situações ou ambientes de violência pode levar à sua “naturalização”. E ela está representada neste estudo nas respostas às questões sobre “sensibilidade”. Os adolescentes do sexo masculino tiveram menores valores neste componente, então é possível que o sexo feminino esteja mais sujeito à naturalização da violência, e isto traz implicações muito negativas para a sociedade.

A maior “sensibilidade” do sexo feminino está em consonância com o cenário nacional, que apresenta aumento da violência contra mulheres, atestado pelo maior número de feminicídios (IPEA, 2018), e registros do Sistema de Violências e Acidentes (VIVA). Estes relatórios apontam que as mulheres, em todas as faixas etárias, são as principais vítimas de violência doméstica, sexual e outras violências, com 6.636 casos (74%). As mulheres jovens e adultas de 20 a 59 anos sofreram mais violência, estão associadas a 79,9% das agressões. Em segundo lugar estão as adolescentes de 10 a 19 anos, que correspondem a 77,9% dos atendimentos (Brasil, 2010).

Este aumento explica a maior atenção dos meios de comunicação para aspectos da violência contra a mulher, que pode estar contribuindo para a maior sensibilidade das adolescentes. A percepção de violência do adolescente tem relação direta com as suas experiências ambientais e sociais, é influenciada pela forma como ele considera “aceitável” quando esta se refere a si mesmo ou ao outro (Tabela 5).

A violência no outro não o atinge, de modo que seu grau de tolerância se apresenta maior. Entre os adolescentes deste estudo, foi observado o estabelecimento de padrões de condutas “aceitáveis” nas diversas expressões de violência no cotidiano da escola, que podem refletir aspectos trazidos de outras experiências.

Tabela 5 – Condutas consideradas como violências “aceitáveis” ou “não aceitáveis” pelos adolescentes das escolas



Fonte: Autores, 2019.

Na tabela 5 acima, a as violências física e simbólica se destacam, além das condutas associadas ao “racismo”, que são consideradas inaceitáveis na escola. Adicionalmente, apresentam-se condutas de professores que, para os adolescentes, são ações de violência e não expressam o comportamento esperado do professor. Outro resultado relevante, é a relação da percepção de violência com a idade, que foi crescente (Gráfico 4), foi constatado que quanto maior é a idade do adolescente, maior também é a sua percepção de violência, em ambos os sexos. Entretanto, este padrão não foi encontrado na análise de sensibilidade.

Os padrões observados demonstram que apesar de a “sensibilidade” ser entendida como integrante da percepção, há uma diferença nítida entre elas, pois as duas variáveis que tiveram efeito significativo, sexo e idade, se associam de forma diferente com estes conjuntos de respostas.

Com base nos resultados encontrados neste estudo, sugere-se que os estudos de percepção de violência separem componentes dessa percepção que tenham significado lógico, definindo as categorias que possam ser interpretadas como aspectos distintos do comportamento, a exemplo da violência sofrida, da violência praticada, da violência presenciada e do entendimento do que seja violência. A separação destas dimensões é fundamental para a identificação e interpretação da percepção, uma vez que esses componentes podem se associar de formas diferentes com as variáveis analisadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos a validade de separar componentes da percepção de violência e que, ao fazê-lo, observaram-se respostas distintas destes componentes às diferenças de sexo e idade entre os adolescentes. Os adolescentes do sexo masculino têm maior percepção de violência, por estarem mais expostos, por sofrerem ou presenciarem mais atos de violência, enquanto as adolescentes do sexo feminino têm maior sensibilidade, porque dão mais importância a ações violentas.

Essa diferença relacionada ao gênero com relação à percepção e sensibilidade à violência, precisa ser investigada em outras pesquisas com mais profundidade, pois pode estar relacionada à própria representação do “papel ou lugar” do feminino na sociedade. A ausência de efeitos significativos para as variáveis “escolas, residir no centro ou na periferia”, indica que a cidade é homogênea quanto à percepção e sensibilidade dos adolescentes.

Este estudo possui limitações relacionadas à amostra reduzida e à especificidade do município onde foi realizada a pesquisa, visto que os municípios amazônicos possuem características muito singulares. Todavia, este estudo diagnóstico é inédito porque reflete um cenário pré-pandêmico.

Recomenda-se que intervenções pedagógicas para o enfrentamento da violência contra o sexo feminino devem começar com a identificação da exposição a violências dentro da escola, evitando assim sua naturalização e propagação nos espaços sociais. É preciso combater a violência nas suas diferentes formas e manifestações, tanto no âmbito escolar quanto na sociedade. Na escola, deve-se buscar apoio nas disciplinas acadêmicas, na mobilização de toda a comunidade escolar como suporte multidisciplinar e interdisciplinar para o enfrentamento da violência.

6 REFERÊNCIAS

- ABDI H. **Holm's Sequential Bonferroni Procedure**. In: Encyclopedia of Research Design. Edited by: Neil J. Salkind. 2010.
- BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência escolar: uma percepção social. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 7, 2 de março de 2021.
- BARUS-MICHEL, J. **A violência complexa, paradoxal e multívoca**. In: SOUZA, M.; ARAÚJO, J. N. G. (ed.). Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 19-34.
- BECKER, Howard. **Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **1º Boletim Técnico Escola que Protege: Dados sobre Violências nas Escolas**. Brasília: MEC, 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2026-2036**. 2026.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico 27: Análise Epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017**. Brasília: Ministério da Saúde, v. 49, jun. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- CABRAL, Felipe L. Uma análise das percepções sobre a violência entre jovens da periferia no ambiente escolar. **Revista Com Censo**, v. 3, n. 4, p. 65-71, mar. 2016.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2026**. [livro eletrônico]. São Paulo: IPEA; FBSP, 2026. 170p.
- COSTA; Mariana Aparecida et al. Formas de violência referidas no cotidiano escolar na visão dos professores de uma escola pública. **Rev Enferm**. 2013.
- ESTUMANO, Enizete Andrade Ferreira; RAMOS, Maély Ferreira Holanda; SILVA, Emmanuelle Pantoja. Violência Escolar e Prática Pedagógica: uma revisão integrativa. **Revista LES**, Teresina, v. 28, n. 56, 2024.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2026**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2026.

GIANNINI, Renata A. et al. **Percepção de crianças e adolescentes sobre a segurança e a violência: Aplicação do índice de segurança da criança em uma escola**. Instituto Igarapé. Art 26. Rio de Janeiro. jun. 2017.

GOTELLI Nicholas J.; ELLISON, Aaron M. **Princípios de Estatística em Ecologia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GUIMARÃES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 2, p. 256-266, maio 2015.

HAMMER, Øyvind; HARPER, David A.T; RYAN, Paul D. **Past-Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis**. *Palaeontologia Electronica*, v. 4, n. 1, art. 4, p. 1-9, jun. 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da violência 2018**. Brasília: IPEA, 2018.

KRUG et al. **World report on violence and health**. Geneva, World Health Organization, 2002.

LIMA, Raimundo de. **Armas na escola: que fazer**. Revista Espaço Acadêmico. 2010.

LIMA, Rita de Cássia P.; CAMPOS, Pedro. Humberto F. Campo e grupo: aproximação conceitual entre Pierre Bourdieu e a teoria moscoviciana das representações sociais. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. 1, p. 63–77, jan. 2015.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Violências contra adolescentes nas capitais brasileiras, segundo inquérito em serviços de urgência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2899-2908, set. 2017.

MANLY, B. F. J. Randomization, Bootstrap and Monte Carlo. **Methods in Biology**. 3. ed. London: Chapman & Hall, 2007.

MCGEE et al. A multivariate analysis of gun violence among urban youth: The impact of direct victimization, indirect victimization, and victimization among peers. **Cogent Social Sciences**, 3(1) 2017.

MINAYO, M. C. S. **Social violence from a public health perspective**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994.

MINAYO, Maria Cecília S. Violência e saúde [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. **Temas em Saúde coleção**. 132 p.

NUNES, Antônio J.; SALES, Magda Coeli V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 871-880, mar. 2016.

OECD. **Results from TALIS 2024: The State of Teaching, TALIS. 2025**. OECD Publishing, Paris. 2024.

PEREIRA, Patrícia José. **O bullying nas aulas de educação física e o papel do professor de educação física**. Monografia. Faculdade de Educação Física, UNB. 2014.

PINGOELLO, Ivone; HORIGUELA Maria de L. Morales. **Bullying na sala de aula**.

Revista Eletrônica do CEAF. Porto Alegre - RS. Ministério Público do Estado do RS. Vol. 1, n. 1, 2011.

RUDUIT, Simone Rodrigues. **Violência interpessoal discente no espaço escolar: estudo de caso em Alvorada/RS**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Benedito. R.; IPPOLITO, Rita. **Guia Escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Seropédica, RJ: EDUR, 2011.

SUDBRACK, A. W. **A violência na sociedade contemporânea**. In. As vítimas do ódio: violência, estado e vulnerabilidade social no Brasil. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2010.

TAVARES, P. A.; PIETROBOM, F. C. Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 471-498, jun. 2016.

Data da submissão: 27.05.2026.

Data da aprovação: 15.07.2026.